

Montando um quebra-cabeça: a coleção “Universidade de São Paulo” do Arquivo Público do Estado de São Paulo

*Solving a Puzzle: a collection
“Sao Paulo University” from
the Sao Paulo Public Archive*

*Maria Lucia Mott¹
Ivomar Gomes Duarte²
Marcela Trigueiro Gomes³*

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar roteiros para o estudo da história dos trabalhadores, da formação profissional, das instituições e dos usuários dos serviços de Saúde, nas primeiras décadas do século XX, em São Paulo. Destaca a importância da documentação referente à Universidade de São Paulo (1911-1918), preservada pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, por problematizar diferentes aspectos da vida social no período, estabelecer um diálogo com bibliografia sobre história da Saúde e da Educação e por levantar questões sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural de São Paulo. A Universidade, criada em 1911, era uma escola particular, tinha como proposta a formação de alunos nos diferentes níveis de ensino. Fundou, entre outros estabelecimentos, a primeira Faculdade de Medicina de São Paulo, o Hospital de Caridade do Braz (Instituto Pereira Barreto). Formou, na área da Saúde, alunos nos cursos de odontologia, farmácia e medicina, até ser fechada em 1918.

Palavras-Chave: Ensino Superior, Documentação e Arquivos, História das Ciências da Saúde, Universidade de São Paulo.

¹ Doutora em História pela FFLCH da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Instituto de Saúde – SESSP. cucamott@uol.com.br

² Médico Sanitarista. Laboratório Especial de História da Ciência do Instituto Butantan - SESSP

³ Graduanda em História da UNIFIEO e estagiária da FUNDAP no Instituto de Saúde - Centro de Memória da Saúde Pública, Museu da Saúde Pública Emílio Ribas - SESSP

Abstract

This article has as its objective to present a guidelines for the survey of the history of professionally trained workers, institutions and users of the health service during the first few decades of the 20th Century in São Paulo. It highlights the importance of the documentation referring to the University of São Paulo (1911-1918), preserved by the Public Archive of Sao Paulo State, to analyze the different aspects of the social life during this period, to establish a dialogue with bibliography on history of Health and Education and to raise questions about the preservation of the historical and cultural heritage of São Paulo. The University, created in 1911, was a private college, and had as its proposal the students' formation in various different teaching levels. The Univerity founded the Hospital Charity of Braz (Institute Pereira Barreto) and taught/specialized in the area of Health and students graduated in dentistry, pharmacy and medicine, until being closed in 1918.

Key_Words: Higher Education; History Sources, History of the Health Sciences, São Paulo University

Introdução

“(...)em referência à Faculdade de Medicina, à direção que a ela tem sido dada e está dando o dr. Arnaldo Vieira de Carvalho. Só a ele responsabilizamos pelos erros praticados, pelas injustiças, pelo mau caminho (...) não tinham ainda ecoado cá fora os surdos queixumes que se ouvem inúmeros e contínuos na Santa Casa, contra a vontade absorvente e constante do seu diretor clínico, que não admite quem lhe faça sombra, na constante preocupação do seu eu, da sua personalidade de cara fechada e carancudo querendo manter a “fortiori”, aquela nomeada que se acha atualmente sombreada por cirurgiões como Antonio Candido Camargo, Luiz Rego e Baeta Neves. Desta hostilidade a tudo e a todos que o possam enfrentar deu provas não aconselhando que se fizesse concurso para o provimento das cadeiras vagas. Se houvesse concurso, disputado a cadeira de Fisiologia, o Dr. Valeriano de Souza cujos conhecimentos gozam a invejável fama de não

serem excedidos por qualquer outros de seus colegas. O dr. Arnaldo Vieira de Carvalho não se sujeitou às prova públicas para dar preferência ao mérito, ao contrário, escolheu ao seu sabor e deu a cadeira de fisiologia a Ovídio Pires de Campos(...) A Faculdade de Medicina está tendo a administração toda pessoal, toda individual, tal qual a Santa Casa e como o diretor só vê na vida a agressão e a defesa, ele se sobrepõe a todos e a tudo: de sobrececho carregado, com a fisionomia de quem oculta a alma (...) espezinha os colegas, os amigos, os alunos e os conhecidos, influenciado pelo soberano desprezo com que ele encara essa humanidade que se enoja de pertencer.” A Tribuna, 04/04/1914

Esse recorte de jornal com referências à Santa Casa, à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e a alguns médicos do período, faz parte de uma dezena de cadernos contendo *clippings*, entre 1911-1919 (textos, fotos e caricaturas) da Coleção Universidade de São Paulo, preservada pelo Arquivo Público do Estado. As matérias discorrem sobre a instalação e o funcionamento da Universidade de São Paulo, os problemas para o reconhecimento da escola e a revalidação dos diplomas, os primórdios da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, as discussões da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, as mudanças no Serviço Sanitário do Estado, a situação de outras escolas superiores, entre outros temas.

Essas matérias documentam idéias, atitudes e valores de grupos e de indivíduos que estavam em postos de comando no executivo e legislativo, atuavam na área das Ciências da Saúde e no ensino superior em São Paulo. Falam de disputas pela primazia na formação médica e pelo reconhecimento profissional, da movediça rede de relações profissionais, da circulação de profissionais por instituições da Capital, das práticas no meio estudantil, evidenciando como as histórias das instituições se cruzam e complementam.

A Coleção Universidade de São Paulo, não é desconhecida, já subsidiou vários estudos sobre educação nas primeiras décadas da República, institucionalização da medicina em São Paulo, mulheres na medicina e na odontologia: Cunha, (1980); Mott, Etal, (2008); Mota, (2005); Mota, (2004); Sadi, Freitas, (1995); Silva, (2003); Silva (2006); Teixeira, (2001); Teixeira, (1985); Vieira (2006). Márcia Regina Barros da Silva, em (2006), e, Mott, Etal, (2007). Além dos recortes de jornais, a Coleção possui atas, estatutos, memoriais, correspondência, relatórios, conferências, aulas inaugurais, discursos, escrituras, recibos, livros (de ponto, de contabilidade, de matrículas, de termo de compromisso e posse de professores), prontuários de alunos, prontuários médicos e odontológicos, publicações, caricaturas, fotos, entre outros documentos, que somam 138 latas (mais 11 que não se sabe ao certo a procedência). A quantidade e variedade de tipos de registros e a diversidade de dados possíveis de serem levantadas, surpreendem (Anexo 1).⁴ Deve ser destacada que a importância do conjunto documental para os estudos históricos está diretamente relacionada à diversidade de documentos preservados, alguns deles nem sempre considerados significativos para a memória institucional, portanto, descartados.

A Coleção teria sido doada nos anos 1940, pela Faculdade de Direito São Francisco, ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, informação essa que está sendo investigada pelo próprio Arquivo do Estado. O inventário disponibilizado para consulta, não está completo.⁵

⁴ Nem sempre o conteúdo da lata se restringe ao assunto referido. Em várias latas são encontrados documentos e informações sobre temas diversos.

⁵ Até o momento não foi possível levantar dados sobre a “construção” da memória da primeira universidade do Estado (preservação e organização da Coleção do Arquivo do Estado), nem sobre quem selecionou e descartou os documentos, se responsabilizou após o fechamento da Escola pela sua guarda, nem mesmo como teria ido (e se foi) parar na Faculdade de Direito São Francisco. A diversidade de documentos que integram a Coleção sugere numa primeira leitura, ter sido, em parte, organizada e preservada para responder a uma função probatória (para uso dos alunos, de idoneidade acadêmica e financeira da instituição, de regularidade de funcionamento, validação dos diplomas). Há evidências da existência de outros documentos sobre a Universidade Livre de São Paulo além daqueles preservados na Coleção (Cunha, 1980, Mota, 2005; Silva 2006; Teixeira, 2001).

Esse artigo procura chamar a atenção da relevância e riqueza da Coleção não só para a história da instituição, como para o estudo de vários estabelecimentos de ensino e de formação profissional e de atendimento à saúde, bem como para a vida social nas primeiras décadas do século XX, em São Paulo.⁶

A memória da cidade de São Paulo encontra-se dispersa em diferentes fundos e coleções de arquivos públicos e privados, com diferentes níveis de organização e estrutura para receber pesquisadores e instrumentos de pesquisa, como inventários e catálogos. O mapeamento dessa documentação se faz necessário, pois encurta caminhos, economizando horas, dias e meses de busca, levanta novas questões e amplia o leque de perguntas sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural de São Paulo e sobre a difusão da informação e do conhecimento.

Relatório, Memoriais, Clipping

A versão institucional da história da Universidade de São Paulo, doravante nomeada de *Livre*, entre 1911 e 1917 pode ser levantada no Relatório de 1913, elaborado pelo reitor para o Conselho Superior da própria Escola, e nos Memoriais dirigidos ao Conselho Estadual e Federal de Ensino, publicados em 1914 e 1917⁷. Os textos informam sobre os sócios fundadores, os profissionais envolvidos nos projetos, convidados e contratados, as participações acadêmicas, a situação financeira, as ações, a proposta de ensino e grade curricular, as lutas travadas, as vitórias obtidas e os impasses. Além da trajetória da Universidade *Livre* de São Paulo, implantação, desenvolvimento dos trabalhos, os documentos permitem

⁶ Ressaltamos que para esse artigo foram privilegiados os documentos da Coleção referentes à área da Saúde.

⁷ O Relatório de 1913 compõe-se de texto manuscrito, datilografado e recortes de jornais (C 09008). Existe um Memorial do Reitor Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães aos Governos Estadual e Federal. São Paulo, publicado em 1914, e, outro Memorial do Reitor aos Governos Estadual e Federal. São Paulo, Casa Duprat, publicado em 1917 (C 08962). As informações desse tópico foram retiradas das latas acima referidas e dos cadernos de recortes de jornais (C 08966, C 08896).

revisitar as análises sobre as relações dos grupos profissionais e a ambiência médica, acrescentar dados às biografias de personagens e instituições do período, e pensar as sociabilidades entre jovens no meio estudantil.

A Lei Rivadávia Correa (1911) que tornou livre o ensino no Brasil, possibilitou a criação de uma série de escolas na área da Saúde. No final de 1911, Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães, foi escolhido como docente de Terapêutica e diretor da Escola de Farmácia e Odontologia Paulista, uma nova escola que deveria ser aberta na capital paulista, financiada pelo educador e capitalista Luiz Antonio dos Santos.

Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães, então, teria sugerido a ampliação do projeto inicial, sendo abraçada a idéia da fundação de uma universidade. O médico campineiro⁸, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, republicano, defensor de princípios positivistas, grande propagandista do ensino livre, foi o agente da proposta e escolhido como reitor, recebendo apoio de políticos, médicos, juristas, escritores, engenheiros, religiosos da igreja católica, representantes das elites e das camadas médias.

A Universidade *Livre* de São Paulo (não tem qualquer vínculo com a Universidade de São Paulo atual, fundada em 1934), escola particular, propunha-se a formar alunos desde o jardim de infância. Visava criar escola primária (“alfabetização”), secundária (instrução preparatória fundamental) até a superior (“instrução profissional e o transcendente a alta cultura mental”). O projeto incluía as escolas superiores de direito, engenharia, farmácia, medicina,

⁸ Conforme Silva (2006), Eduardo Guimarães pertencia a uma família de fazendeiros da região de Campinas. Nasceu em 1860, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, trabalhou com Louis Couty, no Museu Nacional (fisiologia experimental e farmacologia), recém-formado foi professor substituto na cadeira de Terapêutica Clínica, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1883). Fez viagens de estudos para Paris e de volta ao Brasil, por divergências, teria deixado a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Trabalhou como médico em Campinas, foi diretor de instrução municipal, envolveu-se em projetos de combate à febre amarela, foi eleito deputado pelo Partido Republicano e participou de projetos para a criação de ensino livre em São Paulo. Com o fechamento da Universidade *Livre* de São Paulo, voltou para sua fazenda. Morreu em 1931.

odontologia, comércio, e de belas artes. Foram previstos cursos de ciências e letras, história, filosofia e literatura, veterinária, zootecnia e agronomia, cultura física, com aulas de esgrima, instrução militar e ginástica, e, o curso de Obstetrícia (mas não de enfermagem) que não teriam chegado a funcionar.⁹

Fundada em 19/11/1911, iniciou as atividades pedagógicas no ano seguinte. Foi escolhido como Vice-Reitor, Ulisses Paranhos¹⁰. O Conselho Superior da Universidade era composto pelos diretores das Escolas: Matias Valadão¹¹ (Medicina); Gabriel Rezende (Direito)¹², José Malhado Filho¹³ (Farmácia), Nevio Barbosa, (Odontologia); Sérgio Meira¹⁴ (Veterinária); Spencer Vampré¹⁵ (Comércio); Vicente Carvalho¹⁶ (Ciências e Letras), Artur Mota¹⁷

⁹ Os cursos secundário, de comércio e de belas-artes funcionaram por pouco tempo.

¹⁰ Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, um dos fundadores do Instituto Pasteur, do Laboratório Paulista de Biologia, da Academia Paulista de Letras, da Sociedade Paulista de História da Medicina. Professor catedrático da Escola de Belas Artes, livre docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, professor da Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo, médico honorário da Santa Casa de Misericórdia, ex-diretor do Hospital de Caridade do Braz e membro honorário da Sociedade Peruana de História da Medicina.

¹¹ Nasceu em Minas Gerias (1860-1920), formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi um dos fundadores e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, diretor presidente da Policlínica, participou da elaboração dos projetos para criação de uma faculdade de medicina em São Paulo.

¹² Foi Senador do Senado de São Paulo.

¹³ Foi presidente da Sociedade de Farmácia e Química.

¹⁴ Foi Inspetor Geral de Higiene de São Paulo, organizador do laboratório de Análises Químicas, do Instituto Bacteriológico, um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da Policlínica, da Gota de Leite. Foi médico da Beneficência Portuguesa, médico e mesário da Santa Casa de Misericórdia e membro da Comissão permanente do Instituto Pasteur.

¹⁵ Jurista, diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1938, deputado estadual, membro da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

¹⁶ Foi um advogado, jornalista, político, magistrado, poeta e contista brasileiro. Foi deputado na Constituinte paulista, de 1891.

¹⁷ Artur Mota (1879-1936) nasceu no Rio de Janeiro, fez curso de engenheiro civil na Escola Politécnica. Trabalhou na Repartição de Águas e Esgotos, foi diretor de Obras Públicas do Estado; foi engenheiro - chefe das obras do dique e cais da Ilha das Cobras, assistente do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro e Engenheiro da comissão contra os efeitos da seca no Rio Grande do Norte. Além de docente na Universidade Livre de São Paulo, foi professor na Universidade Feminina e na Escola de Engenharia Mackenzie.

(Engenharia); Alexandre Albuquerque¹⁸ (Belas Artes). Como membros honorários destacam-se Bernardino de Campos, Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues e o médico Luiz Pereira Barreto,¹⁹. Os estatutos de 1911 foram assinados por médicos, dentistas, farmacêuticos, bacharéis e publicados em janeiro de 1912. Na instalação oficial em março 1912, estiveram presentes várias autoridades, como o presidente do Estado e o prefeito da Cidade. Em maio, quando do início do ensino, houve nova festividade, da qual participaram Antonio Candido Rodrigues, senador do Estado e Emílio Ribas, diretor do Serviço Sanitário.

Foram convidados para o corpo docente alguns dos principais nomes da *intelligentzia* paulista, médicos ligados à Santa Casa, à Sociedade de Medicina e Cirurgia, ao Instituto Pasteur, ao Instituto Bacteriológico, à Maternidade de São Paulo, ao Juqueri, e ao Instituto Paulista, principais instituições públicas e privadas da capital paulista no período.²⁰

Muitos responderam afirmativamente ao convite e passaram a lecionar. Outros recusaram, como Arnaldo Vieira de Carvalho e Rubião Meira. Assim que voltou de viagem da Europa, Arnaldo Vieira de Carvalho foi procurado pelo reitor da Universidade *Livre* de São Paulo:

(...) Em vossa ausência, realizou-se uma das mais ardentes aspirações dos nossos intelectuais contemporâneos: a fundação da

¹⁸ Alexandre de Albuquerque (1898-1940) nasceu em São Paulo em 14 de novembro de 1880. Estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro, na Escola Politécnica de São Paulo. Foi professor da Cadeira de Arquitetura, Construção Civil e História dos Estilos, bem como secretário e diretor da Politécnica, vereador municipal em duas Legislaturas, presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos, fundador e diretor da Escola de Belas Artes de São Paulo e membro do Conselho de Orientação Artística. Parte inferior do formulário

¹⁹ Luiz Pereira Barreto (1840-1923), nasceu em Resende (RJ), formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Bruxelas, adepto do positivismo, republicano, foi presidente da Assembléia Constituinte e deputado na Assembléia Constituinte de São Paulo. Fundador e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da criação da primeira escola de medicina de São Paulo.

²⁰ A direção dos cursos e corpo docente da Universidade variou ao longo do tempo, tendo em média 100 lentes. Até onde foi possível levantar, na Faculdade de Medicina, foram diretores: Matias Valadão (1912); Antonio Carini (1913), Vital Brasil (1917). Ver relação de professores do curso de medicina (Anexos 2 e 3).

Universidade de São Paulo. Vibrantes de intenso júbilo aproveitamos a oportunidade (...) para render-vos justa homenagem, trazendo em nome da Congregação da Universidade de São Paulo para a colaboração nessa obra da ciência e patriotismo, ilustrando a cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina. São Paulo, 18 de dezembro de 1911.

Arnaldo Vieira de Carvalho respondeu:

Caro amigo e mestre dr. Eduardo Guimarães – Embaraços no momento me impedem de comparecer á hora combinada em seu consultório. Peço que releve ao seu antigo discípulo de terapêutica por essa falta, aliás sem conseqüências, porque se ia tratar da organização da Universidade Paulista. Em nela não posso tomar parte nem, como não posso aceitar o convite honrosíssimo com que fui distinguido por vosso intermédio. Motivos superiores à minha vontade ditam esse meu proceder. O mestre entende que só por força maior não corresponder eu à distinção com que sou tratado e só por motivos ponderosos (sic) não lhe fazer a vontade. Sem Mais pedindo mais uma vez desculpas, subscrevo-me com toda a estima e consideração. ²¹

A Universidade Livre de São Paulo instalou-se a poucas quadras da Santa Casa de Misericórdia, na Rua Bento Freitas, n. 60²², sede do Ginásio Nogueira da Gama, tendo reutilizado parte dos móveis e equipamentos aí existentes. Logo após a fundação Ulisses Paranhos foi para a Europa adquirir equipamentos para montar os laboratórios. A organização do curso de medicina custou aos cofres da Escola 80 contos de réis.

Em março de 1912 prestaram exames para admissão mais de 1000 candidatos, tendo grande procura os cursos de medicina (fa-

²¹ Recortes de jornais sem título, sem local e data, Relatório ao Conselho Superior (1913), p.109. (C 08966)

²² Ocupou na época os números 1 e 3 da mesma Rua. A Escola mudou, em 1916, para a rua Libero Badaró. Pretendia construir prédio próprio no terreno do Braz, onde funcionava o Instituto Luiz Pereira Barreto.

culdade inexistente à época no Estado), o de direito, e o de odontologia. O número de matriculados superou a 700 alunos (cursos preliminares, primeiras séries, alunos regulares e ouvintes), dado que sem dúvida surpreende, apontando para a existência de uma clientela composta de homens e mulheres, interessados numa formação obtida em cursos específicos, ministrados por especialistas, para obtenção de conhecimentos e de diploma em profissões de prestígio.

Entre 1912 e 1913 foram inaugurados segundo o reitor, os Gabinete de Física, Museu de História Natural e Anatomia Humana; Laboratório de Química Mineral; Laboratório de Química Orgânica; Laboratório de Histologia; Laboratório de Psicologia experimental; Laboratório de Bacteriologia; Laboratório de Matéria Médica; Policlínica Médico-Cirúrgica (da Rua do Arouche); Clínica Dentária; Instituto de Eletricidade e Raio X; Laboratório de Análises Químicas e Bacteriológicas aplicada às clínicas. Em 23/03/1913 passou a funcionar o Instituto Anatômico no cemitério do Araçá, que recebia cadáveres de indigentes utilizados para os estudos em anatomia normal e patológica. O espaço foi cedido pela prefeitura e montado pela Escola, com telhado de *eternit*, mesas de mármore, ladrilhos, tinas e cubas de ferro zincado.

Nos anos seguintes a Universidade *Livre* de São Paulo inaugurou os Cursos Populares gratuitos e fundou a Associação Beneficente Universitária (Instituto Luiz Pereira Barreto - Hospital de Caridade do Braz) e a Academia de Ciências, símbolos acadêmicos emblemáticos.

Na documentação (memoriais, relatório, recortes de jornais) encontram-se registrados rituais acadêmicos (inaugurações, cerimônias de início e final de ano letivo), custos para instalação (que chegou em 1913 a 150 contos de réis de material comprado), finanças (“saldo no caixa de dezenas de contos”), problemas internos vividos na instituição (fraudes em exames, dificuldades para a oficialização da escola, conflitos entre sócios). Em abril de 1912, Eduardo Guimarães publicou nos jornais desentendimento havido

com Luiz Antonio dos Santos, o sócio capitalista, sobre a hierarquia interna, reafirmando seu papel de primazia na estrutura do estabelecimento. Em abril o sócio retirava-se, recebendo de volta o capital investido.

A participação do reitor e de professores da Universidade em homenagens a “vultos” da ciência, possibilita identificar grupos de sustentação, sinais de reconhecimento, de legitimidade social da nova Universidade. Em 1912, Carlos Chagas visitou São Paulo. Na ocasião, o médico esteve na Santa Casa, na Sociedade de Medicina e Cirurgia e na Universidade *Livre* de São Paulo, assistindo nessa última uma aula de Ulisses Paranhos, foi a uma reunião da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, na qual os alunos da Escola *livre* estiveram presentes. O médico já famoso pela descoberta do *Trypanosoma cruzi*, foi homenageado com um banquete. Eduardo Guimarães sentou-se à mesa principal, da qual faziam parte alguns dos principais nomes das ciências médicas de São Paulo: o próprio Arnaldo Vieira de Carvalho, Emilio Ribas, Bettencourt Rodrigues, Vital Brasil, Vitor Godinho. Deve ser ressaltado que o reitor da Universidade *Livre* de São Paulo foi uma das autoridades que proferiu discurso (*Correio Paulistano*, 06/9/1912). Também quando da inauguração do novo prédio do Instituto do Butantan, Eduardo Guimarães e Antonio Carini, então diretor da Faculdade de Medicina *livre*, estiveram presentes no evento (*Correio Paulistano*, 05/04/1914). Em 1915 a Universidade patrocinou o Jubileu Luiz Pereira Barreto. Compareceram na cerimônia, entre outros, o médico Aloísio de Castro, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que fez uma *tournee* pelas instalações da Escola.

O conjunto documental informa sobre a vida estudantil nas primeiras décadas do século XX. Os alunos fundaram um centro acadêmico que tinha como finalidade comemorar datas nacionais, representar os alunos, manter uma biblioteca, realizar atividades culturais, publicar revista (*Athenea*), demonstrando uma forte identidade de grupo. O Centro foi também responsável por uma campanha contra o trote e a realização de eventos esportivos. Em setembro de 1914 foi realizado o primeiro jogo da Liga Acadêmica de Futebol, no Parque Antarctica, entre A.A. Faculdade de Medicina e a A.A. Universidade de São Paulo – tipo de

disputa esportiva entre estudantes que perdura até hoje (*Correio Paulistano*, 05/09/1914). Mas nem sempre as manifestações foram organizadas pelo Centro Acadêmico. Em 10/05/1912 os donos do Brasil Cinema colocaram um comunicado no jornal O Estado de São Paulo, pedindo ao diretor da Universidade *Livre* de São Paulo que recomendasse ”prudência aos moços” do “conceituado estabelecimento de ensino” para não efetuarem agressão contra o cinema (Imagem 1).

Uma das instituições que mereceu atenção do(s) organizador(es) dos cadernos de recortes de jornais foi a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. A coleção de matérias publicadas na imprensa referentes aos anos 1913 e 1914 (C 08966) iluminam o avesso da história da agremiação. Destacam-se as denúncias e divergências havidas entre os sócios quando da proposta de uma moção de apoio à Universidade *Livre* de São Paulo, o desaparecimento de dinheiro obtido em quermesse organizada pela Sociedade para a criação de um estabelecimento de assistência à infância, as estratégias utilizadas para a eleição da diretoria, os desligamentos e as críticas de sócios, etc.

A luta para a institucionalização da Universidade *Livre* de São Paulo e as inúmeras pressões sofridas subsidiam a história das concepções sobre ensino, biografias individuais, relações entre estabelecimentos de ensino e de classe que atuavam em São Paulo. A fundação e os primórdios da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foram acompanhados de perto pelos organizadores da Coleção²³. Inúmeros recortes de jornais sobre a escola médica *oficial* se reportam sobre as atividades, as realizações, como também sobre os problemas enfrentados e as críticas recebidas (ausência de professores em sala de aula, gastos com a contratação de professores estrangeiros que voltaram para seus países durante a guerra, formação deficiente dos alunos devida “benevolência” nos exames de admissão, êxodo dos alunos, etc.).

A relação entre as duas faculdades de medicina, *a livre* e *a oficial*, conforme noticiada na imprensa, sugere aproximação e

²³ Teria sido Eduardo Guimarães que fez a seleção dos *clippings*?

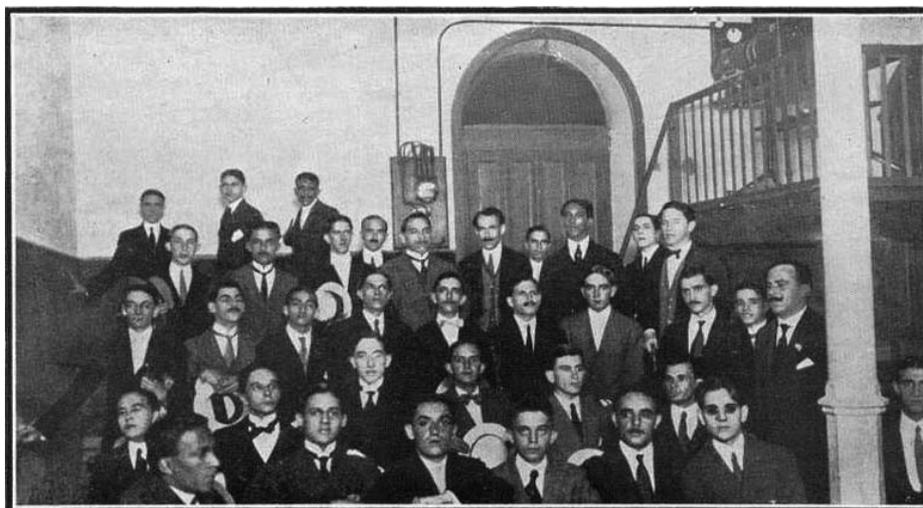


Imagem 1: Alunos da universidade de São Paulo – Arquivo Público do estado de São Paulo. Coleção A Cigarra n. 22, 1915

enfrentamento. Numa matéria publicada no jornal *A Capital* de 27/07/1912, foi perguntado a Eduardo Guimarães se a criação da Faculdade de Medicina *oficial* acabaria com a Universidade *Livre* de São Paulo. Ele respondeu que não, justificando que existiam outras faculdades em funcionamento e que mesmo assim, o número de alunos que se inscreveram na Escola *livre* era grande. Em outra matéria relatou que a Universidade tinha perdido 200 alunos com a criação da Faculdade de Medicina, mas que muitos alunos tinham voltado, em decorrência dos problemas de suspensão dos estudantes na Faculdade de Medicina *oficial*.²⁴

Inúmeras vezes, Eduardo Guimarães mencionou que as dificuldades enfrentadas foram devidas às calúnias sofridas, procurando – ao que parece - salvaguardar a imagem da Faculdade de Medicina *oficial* e de Arnaldo Vieira de Carvalho, chegando inclusive a atribuir o nome do médico a uma das enfermarias do Hospital de Caridade do Braz.

²⁴ Os alunos vaiaram professores. Sobre o incidente ver Mota, 2005.

Porém o tom entre os alunos e professores de uma e outra escola nem sempre foi amistoso. O noticiário da imprensa foi alimentado por partidários exaltados, na forma de artigos (anônimos ou com pseudônimos), de charges e de desmentidos. Veja-se a ilustração a seguir (provavelmente publicada no jornal *A Tribuna*, 26/4/1914). (Imagem 2).

No Congresso Médico, realizado em São Paulo, em de 1916 houve uma manifestação pública dos alunos da Universidade *Livre* de São Paulo, em resposta às críticas consideradas ofensivas aos trabalhos de Carlos Brunetti e Nunes Cintra, professores da Universidade *Livre* de São Paulo. Segundo os jornais, os alunos da Escola *oficial* e bedéis teriam vaiado os docentes da Escola *livre*, e, Arnaldo Vieira de Carvalho “emitira conceitos desairosos à Universidade”. Em represália os *uspianos* tomaram a palavra durante uma sessão presidida por Vital Brasil, professor da Escola *livre*, distribuíram cartões com trovas satirizando professores da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o que teria causado indignação entre os congressistas (*Comércio de São Paulo*, 10/12/1916).

Várias matérias publicadas no jornal *A Capital*, em 1916, mencionam as difíceis relações entre as escolas. Uma reportagem do *A Capital* de 22/9/1916 trazia como título “Rivalidade explode. Para que combater a Universidade de São Paulo? Uma campanha inglória e de despeito”. O redator argumentava: “(...) mas haverá motivo para tal rixa? Não podem subsistir perfeitamente em São Paulo duas casas de ensino, cada qual mais digna?”. A explicação dada pelo jornalista, levanta uma hipótese que certamente não pode ser descartada:

“Não se trata disso. O pivô é outro. É em torno de alguns médicos, que não trazam o ilustre reitor universitário, que gera toda agitação, ora franca, mas que lentamente atrás dos bastidores, nos corredores de certos hospitais, já existia há muito tempo”.

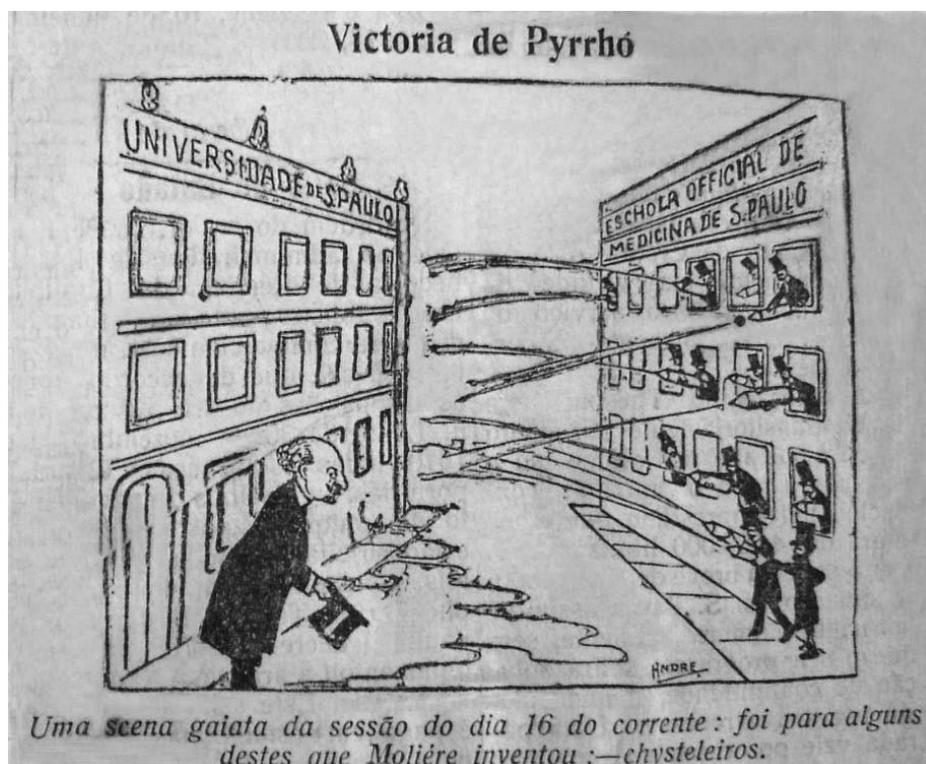


Imagem 2: Vitória de Pirro – Arquivo Público do Estado de São Paulo. Coleção Universidade de São Paulo - C 08966.

Prontuários de Alunos e Livros de Registro

Esse segundo conjunto de documentos da Coleção, os Prontuários de Alunos e Livros de Registro, pelo caráter serial, possui potencial para análise quantitativa e qualitativa. Pelos livros de registro de matrículas na primeira série verifica-se que no primeiro ano de funcionamento da Universidade, o curso de medicina e cirurgia teria começado com 58 alunos²⁵, o de odontologia, com 91, e no de farmácia, 49. A turma de farmácia de 1912 fez um ano de preparatório, iniciando, em 1913, a primeira série.

²⁵ Alguns cursos tinham um ano preliminar. Em 1912, na série preliminar de medicina entrou Odette Nora, aluna que posteriormente se transferiu para a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Os cursos de medicina, farmácia e odontologia foram os que tiveram maior número de alunos inscritos, justamente em 1917, último ano de funcionamento da escola, apesar das dificuldades de revalidação dos diplomas, o que pode apontar para o papel que a instituição vinha ocupando no cenário da educação e a carência de espaços para formação profissional superior²⁶. (Tabelas 1, 2, e 3)

Tabela 1
Matriculas por sexo na 1ª série de Medicina

	Mulheres	%	Homens	%	Total
1912	0	0	58	100	58
1913	2	2,86	68	98,92	70
1914	1	1,08	92	98,92	93
1915	1	1,39	71	98,61	72
1916	1	1,02	97	98,98	98
1917	4	3,42	113	96,58	117
Total	9	1,77	499	98,23	508

Fonte: Livro de matrículas, 1ª série. Escola de Medicina Universidade *Livre* de São Paulo (C 08922A)

Tabela 2
Matriculas por sexo na 1ª série de Farmácia

	Mulheres	%	Homens	%	Total
1913	0	0	12	100,0	12
1914	3	6,52	43	93,48	46
1915	4	12,12	29	87,88	33
1916	5	13,16	33	86,84	38
1917	15	20,00	60	80,00	75
Total	27	13,24	177	86,76	204

Fonte: Livro de matrículas, 1ª série. Escola de Farmácia-Universidade *Livre* de São Paulo (CO 8946)

²⁶ Uma hipótese que deve ser considerada pelo grande número de alunos na Universidade *Livre* de São Paulo, apesar das dificuldades de revalidação de diploma, refere-se aos custos gastos na formação. Não seria mais barato cursar alguns anos na capital paulista e passar menos tempo em outra cidade do interior, até mesmo de outro estado para terminar o curso ou revalidar o diploma?

Tabela 3
Matriculas por sexo na 1ª série de Odontologia

	Mulheres	%	Homens	%	Total
1912	5	5,49	86	94,51	91
1913	6	19,35	25	80,65	31
1914	13	16,67	65	83,33	78
1915	10	16,67	50	83,33	60
1916	13	18,57	57	81,43	70
1917	15	16,30	77	83,70	92
Total	62	14,69	360	85,31	422

Fonte: Livro de matrículas, 1ª série. Escola de Odontologia – Universidade Livre de São Paulo (C 08897)

Nos prontuários de alunos encontram-se provas, atestados, certidões, recibos, cartas de apresentação, fichas de inscrição, requerimentos e até teses publicadas, entre outros documentos raros e preciosos, que possibilitam uma análise multidisciplinar, a realização de projetos temáticos. Ensinam sobre a formação dos alunos que se candidataram aos cursos superiores, visto haver centenas de provas de acesso de diferentes disciplinas; o perfil dos alunos e alunas (idade, naturalidade, profissão do pai); o número de inscritos e formados, o desempenho e a evasão escolar. Verifica-se que os alunos e alunas mudavam de cursos, na própria instituição, pediam transferência de outros cursos e faculdades para a Universidade Livre de São Paulo, como se transferiam para faculdades de São Paulo e de outros estados.²⁷

No primeiro ano de Odontologia, fazendo um recorte por sexo, constata-se as alunas eram brasileiras, em sua maioria paulista e com idades que variavam entre 14 e 36 anos. Na turma de 1912, primeira a se obter diploma (1913), havia cinco alunas.

²⁷ Muitas alunas buscaram regularizar seus diplomas em outra instituição, como na Escola Livre de Farmácia de Pindamonhangaba.

Em 1914 tinham concluído o curso 11 cirurgiões dentistas e 22 farmacêuticos que inscreveram os diplomas na diretoria geral da Saúde Pública, no Rio de Janeiro. A Universidade instituiu cerimônia de colação de grau, com entrega de diploma, discursos e beca para fotografia – emblemas que atribuem legitimidade para o exercício profissional. (Imagem 3, 4 e 5) Pelos estatutos, a defesa de tese era obrigatória apenas para o curso de medicina (Anexo 4).

A pesquisa dos prontuários, se por um lado oferece instrumentos para traçar o perfil do corpo discente, por outro, a análise do conteúdo das disciplinas e do tipo de avaliação feita aos alunos, informa sobre o corpo docente, a natureza dos conhecimentos adquiridos, o modo de aquisição desses conhecimentos. Permite enfim discutir o estado da arte, estabelecendo um diálogo com os críticos à escola que a consideram como deficiente,



Imagem 3: Alunos de Medicina da Universidade de São Paulo – Arquivo Público do Estado de São Paulo. Coleção *A Cigarra* n. 49, 1916.

MONTANDO UM QUEBRA-CABEÇA: A COLEÇÃO "UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO" DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO



Imagem 4: Aluna do curso de Farmácia da Universidade de São Paulo – Arquivo Público do Estado de São Paulo. Coleção Universidade de São Paulo - *A Cigarra* n. 71, 1917.



Imagem 5 - Formando de Odontologia da Universidade de São Paulo – Arquivo Público do Estado de São Paulo. Coleção *A Cigarra* n. 58, 1917

pela falta de qualificação dos professores, de instalações e de critério ou qualidade nos exames vestibulares, pela atribuição indevida de diplomas e funcionamento irregular.

Os prontuários fornecem ainda subsídios para o estudo das práticas sociais para além do universo escolar. As redações dos exames de admissão (vestibular) se reportam ao cotidiano da cidade, como festas (13 de maio, carnaval), passeios (a uma fazenda, ao Parque Antártica), relações de amizade (carta de felicitações), ocorrências (dia de tempestade).

Os dados colhidos nos prontuários de alunos detalham a trajetória de alguns profissionais que exerceram em São Paulo e enriquecem a biografia de personagens que aturaram por décadas em São Paulo. O conhecido médico Antonio Carlos Pacheco e Silva²⁸ foi aluno da Universidade *Livre* de São Paulo, inicialmente como ouvinte do curso de farmácia, se transferiu para o de medicina onde ficou até o 5º. Ano, foi auxiliar do preparador de anatomia descritiva em 1917. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde obteve diploma. Teria sido aí que conheceu Franco da Rocha, diretor do Juqueri, com quem trabalharia anos mais tarde?

As Policlínicas

Deve ser destacado que a primeira Policlínica da Universidade foi instalada no Largo do Arouche, n. 68. Em 1914 foi alugado um “palacete” de dois andares, na Rua José Paulino, n. 15, para montar outro estabelecimento.

A nova Policlínica, ficava a poucas quadras da Rua Três Rios, onde funcionava a Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo. Em 1916 os alunos da Escola passaram a utilizar também a

²⁸ Antonio Carlos Pacheco e Silva (1898-1988), médico psiquiatra, foi diretor do Hospital do Juqueri, do Departamento de Assistência Geral aos Psicopatas do Estado de São Paulo, professor de Psiquiatria Clínica e Forense da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, da Clínica Psiquiátrica da Escola Paulista de Medicina, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo,

Policlínica instalada no Instituto Luiz Pereira Barreto (Hospital de Caridade do Braz).

No andar térreo da Policlínica da Rua José Paulino, havia farmácia e laboratório farmacológico, anfiteatro, laboratório de propedêutica médica que dispunha “de modernas instalações destinadas às pesquisas bacteriológicas e química clínica”; outro de propedêutica cirúrgica, sala de espera, salas de clínica dentária “rigorossíssima na assepsia”, montadas “segundo modelo americano”: “de um lado a teoria, de outro, a prática” (*A Tribuna*, 04/04/1914).

As sete latas da Coleção referentes às Policlínicas (C 09001 a C 09007) guardam os registros das disciplinas clínicas ministradas por Ulisses Paranhos, Carlos Brunetti, Guilherme Wilken entre outros médicos, com dados sobre os usuários, as queixas, os tratamentos (nome, endereço, idade, nacionalidade, sexo, estado civil, profissão, data da consulta, diagnóstico, tratamento e observações entre os anos 1912- 1918). Fazendo um recorte, por idade e sexo, pode-se analisar as ocorrências que levavam as pessoas à busca socorro, como acidentes domésticos sofridos pelas crianças, doenças sexualmente transmissíveis, etc.

Há também informações sobre os usuários da clínica odontológica. Encontram-se relacionadas o número de extrações realizadas com anestesia, as extrações realizadas em usuários gratuitos e pagantes e a relação do material comprado para funcionamento do serviço. Aí, foram anotados a idade, a nacionalidade, o sexo, o endereço do usuário, o número de dentes, o hábito de se escovar os dentes, a disposição da arcada, a condição do esmalte, das gengivas, da “camada esverdeada”, da articulação, o motivo da procura do dentista, o tipo de tratamento oferecido, o que foi cobrado pelo serviço, dados que iluminam aspectos pouco conhecidos da saúde bucal dos habitantes da cidade de São Paulo na década de 1910.

Instituto Pereira Barreto

Os documentos sobre o início do Hospital de Caridade do Braz (hoje Hospital Santa Virginia), estão reunidos sob a rubrica Instituto Luiz Pereira Barreto (C 08999, C 09000), mas conforme apresentado anteriormente mais informações sobre a instituição podem ser levantadas em outras latas da Coleção.

Em 05/07/1915, a Universidade *Livre* de São Paulo comprou uma chácara na Belenzinho, na Avenida Celso Garcia, para a construção de um hospital para prática dos alunos do curso de medicina. No ano seguinte fundou a Associação Beneficente Universitária (Instituto Luiz Pereira Barreto) que tinha por objetivo finalizar e manter um hospital.

Os grupos envolvidos na fundação e manutenção do hospital pertenciam às elites sociais, políticas, intelectuais e da igreja católica: D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo; Conde Prates e Conde de Lara; Monsenhor Benedito de Souza, Rodolfo de Miranda; José Paulino Nogueira Filho; Alberto Seabra; Cônego Higino de Campos – Vigário do Braz; Armando Prado.

Os recursos para o projeto foram obtidos por doação privada e subvenções do poder público municipal. A Associação possuía uma comissão angariadora de donativos e contava em 1917, 134 sócios que contribuía com quantidades diversas. Na relação dos sócios identificam-se, também figuras de destaque no meio social e professores da Escola: A. Candido Rodrigues – General, secretário de agricultura; Washington Luiz – então prefeito da Capital; Luiz Pereira Barreto; Carlos Campos; Manuel Pedro Villaboin; Azevedo Marques; Carlos Botelho; Ulisses Paranhos; Baeta Neves; Godofredo Wilken; Nunes Cintra; Carlos Brunetti; Alberto Seabra. Em 26 de agosto de 1916, pouco de um mês depois da inauguração foi proferido na Câmara um discurso por Marrey Jr., sobre a obtenção de subvenção de 25 contos anuais para o hospital universitário.

O hospital recebia doações pecuniárias, de mantimentos e equipamentos, feitas por um leque diversificado de pessoas e instituições. Contribuíram mulheres da elite, cujas famílias possuíam indústrias na região, como Mimi Matarazzo; Maria Angela Matarazzo Gomide, Marina Crespi, Luba Klabin; particulares (que ofereceram sacos de arroz, batata, feijão), doentes que receberam tratamento no hospital, e diversas instituições. A Beneficência Portuguesa, em 1917, doou uma mesa de operação; a Associação Universitária um busto de bronze de Luiz Pereira Barreto; as Indústrias Matarazzo, toalhas e guardanapos. Foram também organizados festivais (1917) para arrecadar fundos, durante os quais eram vendidos flores e cigarros.

Nos documentos encontram-se referências construção do pavilhão Instituto Luiz Pereira Barreto: escavações do alicerce, tipo de material utilizado. O terreno, de 16.500 m² foi comprado pela Universidade por 165 contos de réis. A planta foi elaborada pelo professor da Escola, o arquiteto Alexandre Albuquerque²⁹, e, a construção ficou a cargo dos engenheiros construtores Gino Pinotti, e a adaptação construção e reforma, de Ugo Gáudio. O prédio de dois andares possuía salas de cirurgias, gabinete de análises, farmácia, Policlínica (Monsenhor de Paula Rodrigues), enfermarias, WC, banhos, cozinha, capela, necrotério, horta.

Dentre os recibos de pagamento do Instituto Luiz Pereira Barreto (06/08/1916), encontram-se o das fotos tiradas do estabelecimento na inauguração, para publicação na Revista *A Cigarra*, de 1916 (n. 47). Foram então pagos pelos serviços 300\$000 (trezentos

²⁹ Alexandre Albuquerque será, anos mais tarde, responsável pelo projeto da maternidade Pro-Matre.

mil réis)³⁰. O edifício de dois andares, construído em forma de V, de tijolos, como era usual para estabelecimentos hospitalares e escolares na época, com enfermarias de cada lado, possuía janelas amplas para fornecimento de luz e ventilação, terapêutica considerada fundamental para a recuperação dos doentes.³¹ (Imagem 6, 7 e 8)

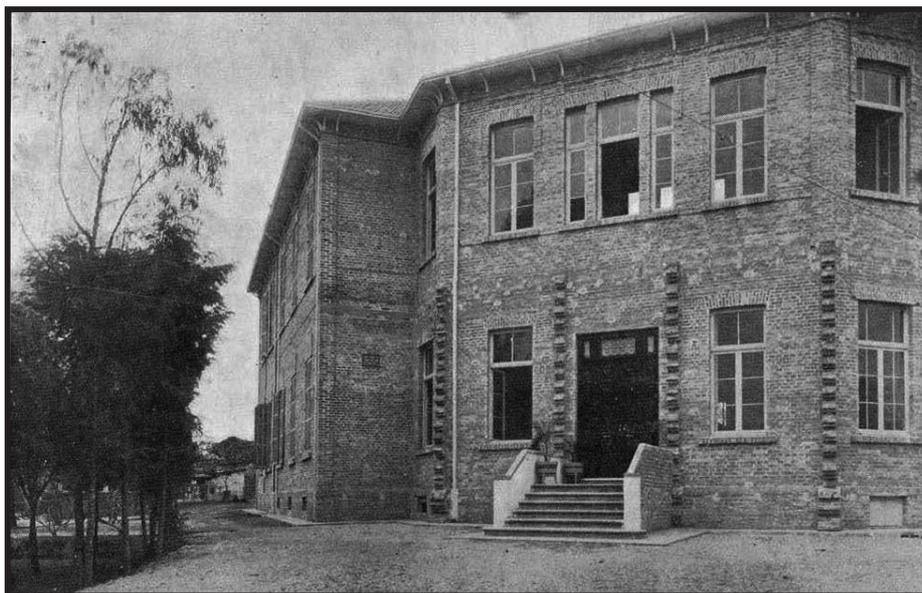


Imagem 6: Instituto Luiz Pereira Barreto – Arquivo Público do Estado de São Paulo. Coleção *A Cigarra* n. 47, 1916

³⁰ O Arquivo Público do Estado de São Paulo possui a coleção digitalizada da revista *A Cigarra*, com poucas lacunas, somando aproximadamente 430 números. O acesso é livre pela rede interna do Arquivo. Publicada em São Paulo, a revista circulou entre 1914-1933. Possuía diversas seções que documentam aspectos da vida social da capital e interior paulista, e do Brasil, como inaugurações (feiras, lojas), festas em geral (cívicas, carnaval, homenagens, casamentos), esportes, cursos recém-abertos (medicina, farmácia, odontologia, costura, contabilidade), vistas de cidades, construções (casas, armazéns, fazendas – interiores e exteriores), criação (de gado), temporadas artísticas, atividades profissionais, reportagens fúnebres. A pesquisa sistemática evidencia o potencial da documentação para a área da Saúde. Nela se acham publicadas algumas imagens raras, tais como: curso de enfermagem da Santa Casa de Misericórdia, interior de consultórios de médicos e dentistas paulistas, mulheres que trabalhavam na produção de soros e produtos farmacêuticos do Instituto Butantan, estudantes paulistas na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, inauguração do Hospital de Caridade do Braz (Instituto Luiz Pereira Barreto) e alunos formados pela Universidade de São Paulo.

³¹ Os prédios da Capital paulista, Santa Casa, Mackenzie e Pinacoteca, são alguns exemplos de construção de tijolos aparente.

MONTANDO UM QUEBRA-CABEÇA: A COLEÇÃO "UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO" DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

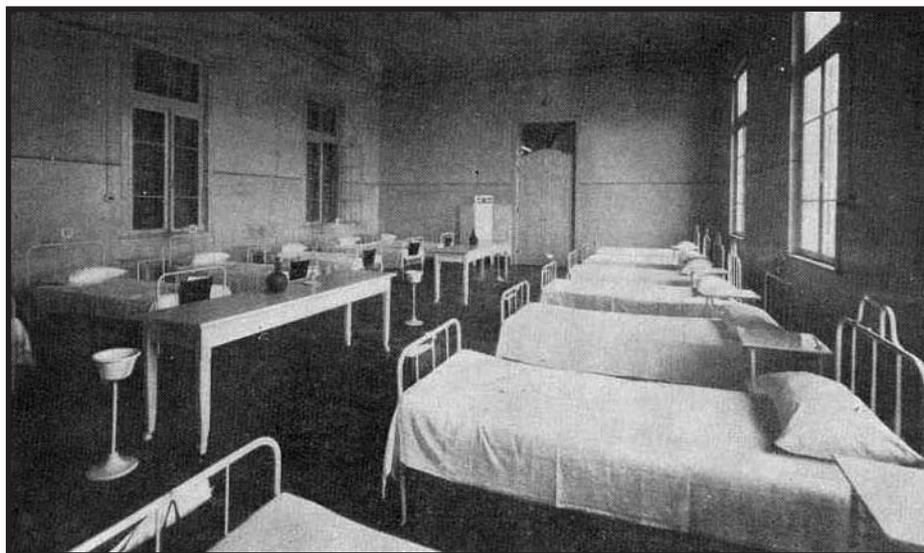


Imagem 7: Instituto Luiz Pereira Barreto – Arquivo Público do Estado de São Paulo. Coleção *A Cigarra* n. 47, 1916

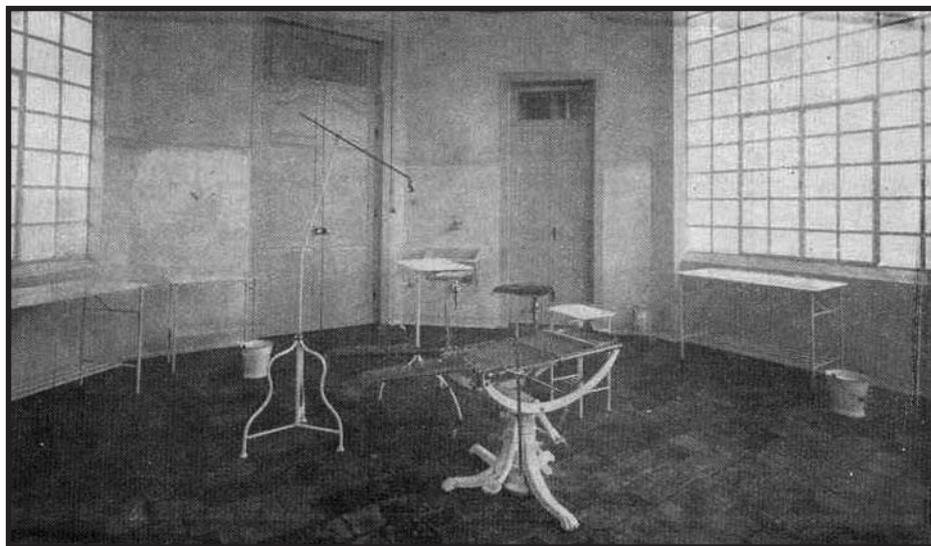


Imagem 8: Instituto Luiz Pereira Barreto – Arquivo Público do Estado de São Paulo. Coleção *A Cigarra* n. 47, 1916

Pelos recibos das compras efetuadas é possível analisar o tipo de material farmacêutico, médico-cirúrgico e de hotelaria utilizado, o tratamento preconizado, as inovações incorporadas: havia esterilizadores, móveis niquelados (novidade que facilitava a assepsia, sem relação aos móveis de madeira), mesa de cirurgia, maca de lona, irrigadores, gás, luz e telefone. A análise das despesas com produtos farmacêuticos (para manipulação e manipulados), de hotelaria e gastos com pessoal, apontam a soma despendida na farmácia, no consumo de alimentos, o salário dos funcionários que trabalhavam no hospital, dados fundamentais para o conhecimento da instituição, dos tratamentos utilizados, da história da medicina no período. Conforme Salaün e colaboradores (1999), no início do século XIX na França, os gastos com curativos e com a farmácia eram muito menores do que com a alimentação, e o hospital era, sobretudo “um lugar onde se comia”. Em meados do mesmo século aumentou não só o número de médicos trabalhando nos hospitais, como as despesas com medicamento e material cirúrgico, diminuindo muito, aquelas com alimentação, o que sugere, a medicalização do hospital.

Trabalhavam no hospital, em 1916, o administrador, a irmã superiora³², duas enfermeiras religiosas, uma cozinheira, três ajudantes de enfermeiro homens, uma costureira, uma lavadeira, uma ajudante de cozinha, um porteiro, um farmacêutico prático, um servente farmacêutico e um chacareiro. As irmãs enfermeiras e cozinheira tinham o mesmo salário (Por serem religiosas? Por se considerar os cuidados de enfermagem próximos às atividades desenvolvidas pelas mulheres no lar? Ou se considerar a alimentação como fundamental para a recuperação dos doentes?); a madre superiora recebia um terço do salário do administrador. O maior salário mensal era de 200\$000 (administrador), e o menor de 17\$000 (costureira). A existência do chacareiro possibilitou entender a razão de, entre os recibos, encontrar-se o de entrega de estrume.

O Hospital fazia atendimento gratuito e particular (pensionistas), voltado para os dois sexos. Faziam curativos, pequenas ope-

³² Irmãs Salesianas do Sagrado Coração de Jesus.

rações e tratamentos a domicílio. O Hospital era dirigido por Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães. Carlos Brunetti era subdiretor e Justino Silva Carvalho, administrador.³³

Considerações Finais

Os últimos cursos da Universidade *Livre* de São Paulo funcionaram em 1917. No final do ano, o reitor da Universidade enviou oito volumes de documentos para o Conselho Federal de Educação, pedindo a inspeção para obtenção da oficialização. A fiscalização foi negada, baseada em três quesitos (dos nove exigidos): a escola não funcionava regularmente há mais de cinco anos; os exames vestibulares não estavam de acordo com as exigências, e o corpo docente não era escolhido por concurso público.

A decisão deixa perplexos os pesquisadores, diante dos dados levantados na Coleção. Antes de qualquer julgamento apressado, pensamos que talvez a decisão possa ser melhor avaliada, se localizada e analisada a documentação do Conselho Federal de Educação.

Numa carta, datada de 01/04/1918, Eduardo Guimarães explica aos professores Godofredo Wilken, Luis Migliano, e ao subsecretário Cassiano Ricardo Leite:

Tenho a honra de comunicar-vos que o Conselho Superior da Universidade de S. Paulo. Em sessão de 31 de março p.p. e em virtude da situação anormal que atravessa esse estabelecimento de ensino criada por iníqua resolução do Conselho Superior de Ensino, resolveu por falta de alunos, suspender, temporariamente, o funcionamento de suas aulas e clínicas. Cumprindo aquela resolução do Conselho, cabe-me agradecer-vos os ótimos serviços prestados á Universidade (...) lamento muito sinceramente, que temporariamente, de vosso brilhante e eficaz concurso. Sirvo-me do ensejo para assegurar-vos os protestos de minha distinta estima e consideração.

Reitor da Universidade de S. Paulo. (C 08967)

³³ Carlos Brunetti e Salvatori Battaglia adquiriram o Hospital em 1918.

Ressalte-se que os registros levantados nessa pesquisa preliminar sugerem o reconhecimento social e a legitimidade da escola no período em que esteve em atividade. A Escola foi procurada por um grande número de alunos entre 1912-1917; o currículo dos profissionais contratados para docentes era reconhecido por outras instituições científicas, médicas e de ensino; autoridades políticas e científicas em diferentes comemorações prestigiaram os eventos escolares; a presença do reitor Eduardo Guimarães foi notada pela imprensa em eventos científicos e acadêmicos ocorridos na capital; os alunos da Universidade foram aceitos em outras escolas, como ao contrário, estudantes de outras instituições pediram transferência para a Universidade; os alunos de medicina foram recebidos na clínica de profissionais e instituições de assistência, conforme atestam as observações publicadas nas teses; a vida acadêmica foi ativa.

Qual o papel que a Escola teve na trajetória de mestres e de alunos é uma indagação que merece reflexão. Ter pertencido à Universidade, foi uma linha do passado que procuraram esquecer? Foi entrave para suas trajetórias? Ou abriu caminho profissional pelos conhecimentos obtidos e rede de relações estabelecidas como aponta a biografia de alguns médicos.

Se analisarmos a documentação pesquisada à luz de outras coleções, como a de “Livros de Registro do Serviço de Fiscalização Profissional”, do Centro de Memória da Saúde Pública/SSESP, é possível traçar a trajetória dos alunos que aí estudaram. Dos 16 que defenderam tese na Faculdade de Medicina em 1917, cinco revalidaram seus diplomas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 10 na da Bahia, um na de Belo Horizonte. Dos 107 registros de médicos efetuados pelo Serviço Sanitário de São Paulo, em 1918, uma dezena defendeu tese na Universidade *Livre* de São Paulo. Isso significa que chegaram ao mercado de trabalho, antes mesmo dos primeiros alunos da Faculdade de Medicina oficial, cujos alunos se inscreverão a partir da década seguinte.

Deve ser destacado que o Instituto Pereira Barreto (Hospital de Caridade do Braz), o primeiro hospital escola no Estado, cons-

truído para tal fim, e a Policlínica do Bom Retiro, fazem parte da memória dos habitantes da cidade.

Os poucos anos de funcionamento da Universidade *Livre* de São Paulo não a destitui de importância, nem invalida o interesse de se debruçar sobre sua história. O significado da instituição vai além do reconhecimento dos diplomas, do pequeno período de funcionamento e da história institucional *stricto sensu*, seja pelas idéias que defendeu, pelas relações mantidas com outras instituições, pelo espaço que docentes e alunos ocuparam na vida social, pelo cenário que ajudou a desenhar na cidade.

Agradecimentos

Nosso reconhecimento ao trabalho de Ana Paula Ferreira Santos, Karla Maestrini, Maria Aparecida Muniz, Olga Sofia Fabergé Alves e Tais dos Santos, que fizeram a pesquisa preliminar, fundamental para a redação desse artigo. Nosso reconhecimento também ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, aos servidores públicos, funcionários e estagiários que aí propiciam o suporte técnico para a pesquisa.

Referências bibliográficas

- Cunha LA. A Universidade Temporã: da colônia à Era Vargas. RJ: Francisco Alves Editora, 1980.
- Mott ML, Alves OSF, Muniz MA, Martino LVS, Ferreira APS, Maestrini K. Moças e senhoras dentistas: formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas do século XX. *História Ciências e Mangueiros*. Rio de Janeiro, v. 15, suplemento, p. 97-116, jun 2008.
- Mott ML, Alves OSF, Muniz MA, Maestrini K, Santos APF, Santos T. Gênero, Espaço Público e Memória: a formação para o mercado de trabalho em saúde em São Paulo (1890-1920). In: *Encontro de História e Saúde*, 8, 2007, Rio de Janeiro: Resumos. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz. 2007. 1 CD-ROM.
- Mota A. *Tropeços da Medicina Paulista*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- Mota A. USP avant USP. O caso da Faculdade de Medicina em 1911. *Revista USP*, São Paulo, n.61, p. 210-21, mar. 2004.

- Sadi A e Freitas, DG. O Ensino Médico em São Paulo anteriormente à Fundação da Paulista. São Paulo: Ed. Comercial Safady, 1995.
- Silva MRB. O mundo transformado em laboratório: ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo de 1891 a 1933. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH- USP, 2003.
- Silva MRB. Projetos Republicanos para a Saúde. Boletim do Instituto de Saúde, n. 38, p. 20-23, 2006;
- Salaün F (org.). *Accueillir et soigner: l'AP-HP, 150 ans d'histoire. Paris : Doin, 1999.*
- Teixeira LA. A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913). São Paulo: FFLCH- USP, 2001
- Teixeira, LA. Ciência e saúde na terra dos bandeirantes: a trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo no período de 1903 – 1917. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1985.
- Vieira MV. Mulheres na Medicina: construindo espaços na São Paulo do início do século XX. Dissertação de Mestrado. Bragança: Universidade São Francisco, 2006.

Arquivos Pesquisados

Arquivo Público do Estado de São Paulo

• Coleção Universidade de São Paulo

Latas: Curso de Medicina, Farmácia, Odontologia, Direito, Conselho Superior, Policlínica, Instituto Luiz Pereira Barreto.

Número de Tombo: C 08923, C 08923 A, C 08924, C 08927, C 08931, C 08932, C 08934, C 08936, C 08937, C 08938, C 08948, C 08953, C 08954, C 08955, C 08958, C 0961, C 08960, C 08962, C 08966, C 08967, C 08976, C 09885, C0986, C0988, C 08895, C 08999, C 09000, C 09001, C 09004

• A Cigarra (1914-1917)

Centro de Memória da Saúde Pública. Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo.

• Livros de Registro do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional (1918-1919).

Anexo 1
Inventário da Coleção elaborada por amostragem

Assunto	Nº de latas	Tipo de documentos
Medicina	32	Documentos diversos sobre outras faculdades, atas de exames, matrículas, registro de notas, inscrição de exames, atas de defesa de tese, programas das cadeiras, índice dos alunos, relação dos alunos que defenderam tese em Medicina e teses para professor substituto, atestados, certidões diversos (nascimento, batismo), históricos escolares, cartas de recomendações, solicitação de restituição de documentos, recibos de pagamentos de matrícula, provas, declaração de conduta moral expedido por delegacias, atestado de saúde e vacinação, etc.
Odontologia	14	Documentos diversos sobre outras faculdades, atas de exames, matrículas, registro de notas, inscrição de exames, programas das cadeiras, índice dos alunos, atestados diversos (nascimento, batismo), etc.
Farmácia	12	Documentos diversos sobre outras faculdades, atas de exames, matrículas, registro de notas, inscrição de exames, programas das cadeiras, índice dos alunos, atestados diversos (nascimento, batismo) etc.
Direito	20	Documentos diversos sobre outras faculdades, atas de exames, matrículas, registro de notas, inscrição de exames, programas das cadeiras, índice dos alunos, atestados diversos (nascimento, batismo), etc.
Engenharia	11	Documentos diversos sobre outras faculdades, atas de exames, matrículas, registro de notas, inscrição de exames, programas das cadeiras, índice dos alunos, atestados diversos (nascimento, batismo), etc.
Comércio	01	Documentos diversos sobre outras faculdades, atas de exames, matrículas, registro de notas, inscrição de exames, programas das cadeiras, índice dos alunos, atestados diversos (nascimento, batismo), etc.
Belas Artes	09	Documentos diversos sobre outras faculdades, atas de exames, matrículas, registro de notas, inscrição de exames, programas das cadeiras, índice dos alunos, atestados diversos (nascimento, batismo), etc.

continua

continuação

Assunto	Nº de latas	Tipo de documentos
Instituto Luiz Pereira Barreto	02	Estatutos da Associação Beneficente Universitária, sócios, despesas, pessoal e despesas hospital, escrituras, contratos, etc.
Policlínica	07	Prontuários de clínica odontológica, propedêutica cirúrgica, pediátrica, dermatológica, clínica médica, terapêutica, oftalmológica, estatística, livros de orçamento de clientes, registros de extração de dentes, operações e consultas realizadas, farmácia.
Administração financeira	10	Livros de taxas de matrícula, livros caixa, recitas e despesas, balanços e balancetes, apólices de companhias de seguros, relatórios, recibos de pagamento, impostos, despesas, recibos diversos, de honorários, faturas.
Conselho Superior	01	Estatutos, relatórios, regimentos, movimento de exames, irregularidades exames.
Secretaria Geral	05	Correspondência, certificados exames, nomeação funcionários, livro de registro de licença de funcionários, concursos lentes substitutos, recortes, termo de posse de funcionários, atas de colação de grau, livro de ponto de funcionários, livro de registro de diplomas.
Secretaria Geral talão de Guias	04	Guias.
Sem identificação	06	Recortes diversos, relatórios, correspondência, prontuários de alunos, etc. (miscelânea).

Fonte: Inventário - Coleção Universidade de São Paulo, Arquivo Público do Estado de São Paulo

Anexo 2

Relação dos Professores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo entre 1912 e 1917

Professor	Disciplina
Alberto Seabra	Higiene
Adelino Leal	Química
Adolfo Lindenberg	Clínica dermatológica e sifiligráfica
Alan de Lima	Clínica cirúrgica
Álvaro Simões Corrêa	Fisiologia geral e especial, Patologia interna e propedêutica médica
Amarante Cruz	Clínica cirúrgica
Antonio Carini	Anatomia e histologia patológica
Antonio Luiz do Rego	Anatomia topográfica, Medicina cirúrgica e operações
Antonio Pinto Nunes Cintra	Anatomia descritiva, Anatomia topológica, Patologia externa e propedêutica médica
Antonio Viera Bittencourt	Física
Arlindo de Carvalho Pinto	Medicina legal e fisiologia
Arthur Mendonça	Clínica médica
Artur Moraes de Jambeiro da Costa	Clínica oftalmológica, Otorrinolaringologia
Carlos Brunetti	Clínica cirúrgica, Anatomia descritiva, Clínica obstétrica e ginecológica
Cesídio de Gama e Silva	Terapêutica médica e noções de farmacologia, Farmacologia, Química médica
Clemente Ferreira	Clínica pediátrica e higiene infantil
David Vargas Carvalheiro	Clínica pediátrica –médico cirúrgica
Diogo de Faria	Clínica médica
Dorival de Camargo Penteadó	Histologia
Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães	Patologia geral, Fisiologia geral e especial, Clínica pediátrica, Biologia geral
Eduardo Marques	Microbiologia
Euzébio de Queirós	Clínica oftalmológica
Francisco Franco da Rocha	Clínica neurológica e psiquiátrica, Clínica de moléstias mentais
Francisco Otaviano Ferreira Lopes	Química

continua

continuação

Professor	Disciplina
Godofredo Wilken	Patologia externa e propedêutica cirúrgica. Aulas práticas de anatomia descritiva, Anatomia descritiva e da cabeça
Inácio Bueno de Miranda	Clínica otorrinolaringologia
Inácio de Gouvêa	História natural
Jose Arruda Sampaio	Patologia interna e propedêutica médica
Joaquim Ribeiro de Almeida	Clinica dermatológica e sifiligráfica
José Castro de Macedo Soares	Botânica e zoologia médica, História natural médica
José Jesuino Maciel	Anatomia e fisiologia patológica, Microbiologia
José Machado Filho	Clinica médica e cirúrgica
Luis de Oliveira Almeida	(Física Médica); Física
Luiz Filipe Baeta Neves	Clínica pediátrica, Anatomia descritiva, Clínica cirúrgica Clínica ginecológica e obstétrica
Luis Migliano (Interino)	Fisiologia, Clínica médico-propedêutica
Matias Valadão	Terapêutica
Mateus de Lemos	Fisiologia
Moraes Barros	Clínica ginecológica
Nicolau da Gama Cerqueira	Matéria médica
Olegário de Moura	Anatomia descritiva
Oliveira Fausto	Anatomia médica cirúrgico
Pinheiro Cintra	Clínica médica
Raul Briquet	História natural
Raul Vargas Cavalheiro	Química médica, Física biológica
Sérgio Meira	Higiene
Silvio Berti	Clínica médica Clínica dermatológica
Silvio Maia	Clínica obstétrica
Ulisses Paranhos	Histologia, Patologia interna e propedêutica, Patologia geral, Clínica médica
Valeriano de Souza	Fisiologia
Vital Brasil	Microbiologia, Fisiologia geral e especial

Fontes: Livro 1 – Termo de Compromisso e Posse. Universidade de São Paulo; Teses para obtenção do título de Doutor em Medicina na Universidade de São Paulo, apresentadas em 1917 (C08967)

Anexo 3
Teses para obtenção do título de Professor Substituto
na Faculdade de Medicina -1917

Candidato	Título	Objetivo
Pedro de Freitas Cardoso	Dos Tripanossomas patogênicos para o homem	Professor substituto História Natural Médica
Paulo Raia	As paratireóides	Professor substituto Anatomia Descritiva
Justino Carvalho	Os sons respiratórios normais	Professor substituto de Fisiologia

Fontes: Livro de Registro de Teses (C 08967)

Anexo 4
Teses para obtenção do título de doutor em Medicina na
Universidade Livre de São Paulo (1917) e obtenção de
diploma em outra Faculdade

Título	Autor	Diploma	Data
Tratamento da Tuberculose Pulmonar pelo Pneumotórax artificial	Pedro Marques Simões	FMBA	1918
A síndrome de Stores-Adams e o Feixe de Hiss	Paulo Raia	FMBA	1918
A terapêutica moderna de Coqueluche	Mário Rodrigues Lousã	FMBA	1918
Ensaio Clínico e Terapêutico sobre as Anemias Graves	Alberto Pereira de Moraes	FMBA	1918
Cirurgia Urinária	Luiz Antonio Teixeira Leite Jr.	FMBA	1918
Dorstenia Brasiliensis	Lauro Gonçalves Teodoro	FMBA	1918
Ligeiro Estudo sobre a Helioterapia	Malaquias Guerra Jr.	FMBA	1918
Opoterapia das Afecções Hepáticas	Alfredo Tassara de Pádua	FMBA	1918
Ligeiro Ensaio sobre a Trichocefalose	Joaquim Pinto Nunes Cintra	FMBA	1918
Terapêutica Clínica da Pneumonia	Mario Magalhães Campos	FMBA	1918
Da patogenia da Clorose	José Lemos Monteiro da Silva	FMBA	1919
Da Raquianestesia	Domingos Rafael Picerni	FMBH	1918
Do diagnóstico precoce no Cancro do Estômago	Justino Carvalho da Silva	FMRJ	1919
Evolução Médica no Parto	Manuel do Carmo Pires Lennon	FMRJ	1919
Accinoterapia nas Afecções Neisserianas	Ernesto Masi	FMRJ	1920
Os tratamentos modernos da Febre Tifóide	Anibal Pompéia	FMRJ	1920

Fontes: Livro de Registro de Teses (C08967); História dos Trabalhadores da Saúde: Livros de Registro do Serviço de Fiscalização Profissional (1918-1919).